

Fundo Lloyds
de Curto Prazo.
A opção do momento.



Fundo Lloyds
de Curto Prazo.
A opção do momento.



Economia

Na abertura da assembléia anual da ONU e no encontro com George Bush, o presidente brasileiro critica lentidão e apatia dos países credores.

Sarney cobra na ONU solução para dívida

MOISÉS RABINOVICI,
DE NOVA YORK.

O problema da dívida externa, do Brasil e dos demais países latino-americanos, esteve no centro do discurso de abertura da 44ª Assembléia Geral da ONU feito pelo presidente Sarney e do seu encontro de 35 minutos com o presidente norte-americano, George Bush. "Expressei a nossa certa decepção pela apatia, pela morosidade com que tem sido encarada a solução do problema da dívida externa", relatou Sarney, após a reunião realizada no 35º andar do hotel Waldorf Astoria.

No discurso de 40 minutos na ONU, Sarney classificou como "um Plano Marshall às avessas" a transferência de US\$ 56 bilhões que o Brasil fez nos últimos cinco anos para o Exterior, em pagamentos de juros da dívida. Reclamou da "lentidão e apatia" dos países desenvolvidos na busca de uma solução do problema da dívida e insistiu que "é chegada a hora de adotar uma estratégia que parta do pressuposto da retomada do crescimento dos países devedores". Sem isso, destacou Sarney, poderão ocorrer revoltas e sérios conflitos sociais — ameaça que foi lembrada também nos discursos dos presidentes Carlos Menem, da Argentina, e Carlos Andrés Pérez, da Venezuela.

Bush, segundo um resumo do encontro feito pelo embaixador Marcílio Marques Moreira, disse que estava muito bem informado sobre a dívida brasileira. E explicou: seu secretário do Tesouro, Nicholas Brady, autor do plano de redução da dívida, contou-lhe como foi o encontro que teve com o ministro Mailson da Nóbrega, ontem de manhã, em Washington, à margem da assembléia anual do FMI e do Banco Mundial.

Acompanhado do secretário de Estado, James Baker; do chefe da Casa Civil, John Sununu; do chefe do Conselho de Segurança Nacional, Brent Scowcroft; e do subsecretário para América Latina, Bernard Aronson, foi Bush

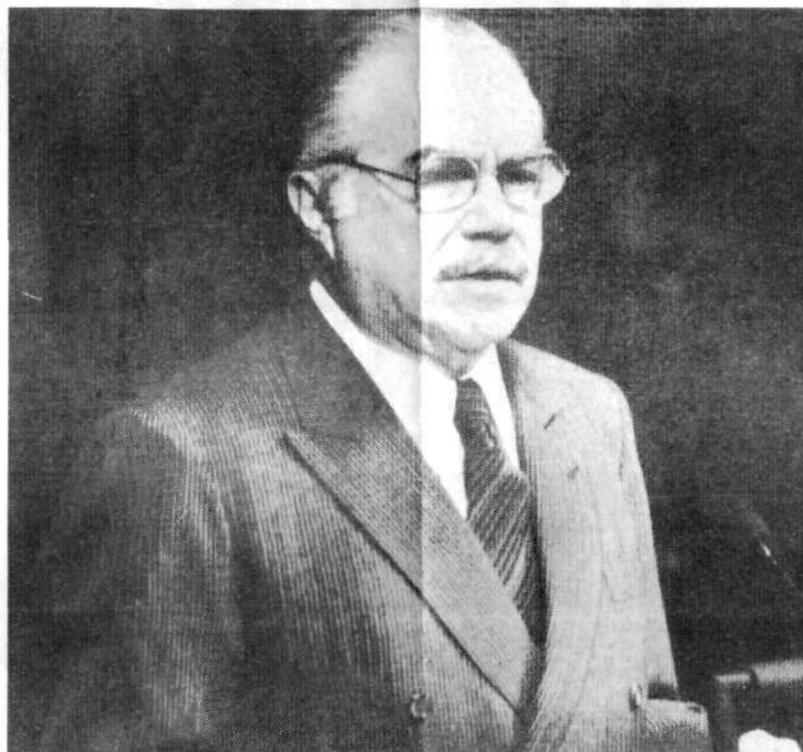
quem iniciou a conversa com Sarney, que estava acompanhado do ministro Abreu Sodré e dos embaixadores Marcílio Marques Moreira e Paulo Nogueira Batista.

Bush falou sobre liberdade e democracia no mundo, meio ambiente, drogas e elogiou "a coragem" do presidente colombiano Virgílio Barco. Sarney assegurou que o Brasil não está permitindo que traficantes da Colômbia cruzem a fronteira para refinar cocaína na Amazônia brasileira, e pediu mais apoio do governo americano para um acordo de seis meses a um ano com o FMI.

O próprio Sarney contou que explicou a Bush a preocupação em "encaminhar uma solução nesse período de transição, de modo que o Brasil tenha a sua situação absolutamente normal, de respeito a seus compromissos internacionais". E acrescentou: "Basta dizer que nesse setor nós cumprimos com todos os nossos compromissos. Quem não cumpriu, evidentemente, e isto está muito claro, foram os bancos que, a partir daquele acordo passado, não entraram com a parte que tinham que entrar, bem como com os desembolsos que iam ser feitos pelos bancos de desenvolvimento mundiais".

A reunião só terminou quando o cerimonial americano começou a demonstrar uma certa inquietação com o horário. Sarney ainda pôde dizer que o seu governo está vivendo "um regime de grande austeridade para deixar uma situação normalizada para seu sucessor". Sarney acompanhou o discurso de Bush pela televisão, em sua suíte do 14º andar do hotel Intercontinental. E ficou muito feliz em ter sido o primeiro orador da assembléia da ONU: "Se discursasse depois do presidente Bush", explicou um de seus assessores, "diriam: foi plágio".

Este assessor listou as coincidências entre os dois discursos: "Os dois falaram de um papel novo que a ONU deve desempenhar. Também citaram, nominalmente, o presidente Virgílio Barco, falaram de droga e estabeleceram uma relação entre democracia e desenvolvimento".



Sarney: "Plano Marshall às avessas".

Destaques

Foram estes os principais pontos do discurso do presidente Sarney na ONU:

Dívida Externa — Sarney reclamou da "lentidão e apatia" com que o problema tem sido tratado pelos países credores. Segundo ele, a saída para os países devedores está no crescimento, mas "não é possível crescer quando se remete para o Exterior, todos os anos, cerca de um terço da poupança interna". "Só o Brasil, nestes últimos cinco anos, remeteu cerca de US\$ 56 bilhões. É um Plano Marshall às avessas", disse o presidente.

Meio Ambiente — Sarney culpou os países industrializados pela maior parcela da poluição ambiental verificada no planeta e relacionou as medidas do seu governo para a preservação ambiental: Programa Nossa Natureza, criação do Instituto do Meio Ambiente e fim dos incentivos a projetos predatórios, entre outros.

Drogas — Segundo Sarney, o Brasil acompanha, "com grande preocupação", o problema do tráfico, da produção e do consumo ilícito de drogas. O presidente citou o Programa Calha Norte, do Amazonas, criado para ocupar e fiscalizar as fronteiras e impedir a entrada de traficantes fugidos de outros países.

Balanco político — Em seu discurso, Sarney disse que o Brasil caminhou 50 anos de democracia nos últimos cinco anos. Nas palavras do presidente, ao assumir o seu mandato o País saía de uma "longa noite" e hoje é a terceira democracia do mundo, com 82 milhões de eleitores e eleições em 85, 86, 88 e a próxima, neste ano, que irá escolher o seu sucessor.

E o presidente Bush reconhece: peso da dívida prejudica crescimento.

Para alguns países, o peso da dívida externa torna impossível o crescimento econômico, reconheceu o presidente norte-americano George Bush, ao discursar ontem na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, perante os representantes dos 159 países-membros.

Depois de afirmar que os grandes desafios do século 21 serão o desenvolvimento econômico e um meio ambiente sadio, o presidente norte-americano reconheceu que "inúmeros países em desenvolvimento devem lutar na atualidade debaixo do peso de uma dívida que impossibilita seu crescimento".

Ao referir-se ao plano do secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady, que prevê a redu-

EUA se negam a capitalizar o Fundo

O governo americano esvaziou a agenda da reunião anual do FMI que se inicia hoje em Washington ao declarar publicamente sua oposição a um aumento do capital do Fundo. Os EUA são o principal acionista do FMI, e no domingo o secretário do Tesouro Nicholas Brady comunicou a posição americana ao comitê interino. Brady, no entanto, deixou uma porta aberta para a busca de um entendimento até o final do ano.

Com esse item antecipadamente adiado, o principal atrativo da reunião passou a ser a possibilidade de um acordo entre a Argentina e o FMI. Negociadores



ção da dívida externa do Terceiro Mundo. Bush afirmou que esses países "merecem uma melhor oportunidade para alcançar o controle de seu próprio destino econômico e oferecer uma melhor vida a seu povo".

Sem mencionar especificamente a América Latina, Bush informou que dentro de dois dias falará na reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, em Washington, onde poderá discutir "em mais detalhes as medidas que poderão ser adotadas para fazer frente ao problema da dívida. Posso dizer desde agora que um novo mundo de liberdade não é um mundo em que umas poucas nações vivem em conforto, enquanto outras vivem em meio à necessidade".

argentinos e técnicos do Fundo trabalham em ritmo intenso para superar diferenças, com a esperança de anunciar o acordo amanhã, quando o presidente Carlos Menem chega a Washington.

Verruga

O presidente José Sarney recebe hoje à tarde a visita de um médico do Memorial Hospital, mas segundo assessores não se trata de nada grave. Sarney irá extrair uma verruga de sua nuca quando retornar ao Brasil, e quer sair de Nova York com uma opinião médica especializada. Este deverá ser o principal encontro na agenda presidencial no quarto dia de visita aos EUA.